



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão forma a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito Monique de Oliveira Serra Michelle de Sousa Bahury Luciano Torres Tricário	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar Priscila Francisco da Silva Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior Jéssica Gontijo Nunes Juliane Hirosse Malizia Mariana Araújo Bichuete Cavalcante Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida Esther Dutra Ferreira Joane Marieli Pereira Caetano Laís Teixeira Lima Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
A CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

O INTERNETÊS NA ESCOLA

Lidiane da Silva Alves

UFCG – CAJAZEIRAS - PB

lidienea@hotmail.com

Marta Marte Guedes

UFCG –CAJAZEIRAS - PB

martamgcz@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de alavancar discussões sobre a inclusão do internetês como prática escolar, numa tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos, ou seja, a vivência do aluno com a modalidade oral da língua e com a escrita da internet servirá de embasamento para o desenvolvimento as língua escrita, contribuindo assim, para leitores e escritores proficientes. O trabalho tem como foco principal o uso das abreviaturas convencionais e digitais constatando que as mesmas fazem parte de práticas/letradas e que é um recurso usado tanto na escrita formal, o caso das abreviaturas convencionais, como nos bate-papos (abreviaturas digitais). O trabalho, também, traz discussões sobre as relações entre tecnologia e linguagem. Inclui ainda discussões sobre língua falada e língua escrita, na perspectiva de que as duas não são dicotômicas e que existem mais pontos semelhantes do que diferente entre as duas modalidades. O trabalho com a linguagem digital significa colocar o aluno

em contato com a língua em uso, além disso, contribui para a ampliação do vocabulário e para uma maior competência lingüística. A pesquisa foi desenvolvida usando como suporte teórico principal a obra das autoras Komesu e Tanine (2015) e como complemento teórico foi usada às obras de Marcuschi (2010), Marcuschi e Dionísio (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Internetês. Língua escrita. Língua falada.

ABSTRACT: The present work aims to leverage discussions about the inclusion of internet as a school practice, in an attempt to approach the teaching of the Portuguese language with the reality of the students, that is, the student's experience with oral language and writing of the internet will serve as a foundation for the development of written language, thus contributing to proficient readers and writers. The main focus of the paper is the use of conventional and digital abbreviations, which are part of practices / literacy and are used in both formal and conventional abbreviations, as well as in chats (digital abbreviations). The work also brings discussions about the relationship between technology and language. It also includes discussions on spoken language and written language, in the perspective that the two are not dichotomic and that there are more similar points than different between the two

modalities. Working with the digital language means putting the student in touch with the language in use, in addition, it contributes to the expansion of vocabulary and to a greater linguistic competence. The research was developed using as main theoretical support the work of the authors Komesu and Tanine (2015) and as a theoretical complement was used to the works of Marcuschi (2010), Marcuschi and Dionísio (2007).

KEYWORDS: Internet. Written language. Spoken language.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu dentro da disciplina Leitura e Produção de Gêneros I e II, da necessidade de refletir sobre a temática, que muitas vezes causa dor de cabeça aos professores de Língua Portuguesa, a chamada linguagem digital ou simplesmente “internetês”. Diante dessa problemática, surgiu o interesse em pesquisar sobre o assunto, trazendo discussões que serão relevantes no trabalho de professores e alunos que buscam pontes para ligar o “internetês” ao ensino de língua portuguesa e não vê-lo como problemas, mas como objeto de estudo em sala de aula.

No primeiro capítulo, faremos uma abordagem sobre a linguagem e tecnologia destacando a importância dos meios tecnológicos para o ensino da língua materna.

No segundo capítulo, abordaremos os pressupostos sobre língua falada e língua escrita propondo uma breve reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre as duas modalidades.

Por fim, no terceiro capítulo, será apresentado o internetês e o uso das abreviaturas convencionais e digitais, aqui evidenciaremos que o uso das abreviaturas digitais podem ser tomadas como material de estudo pelo professor de língua portuguesa, considerando que elas estão bem próximas das características de abreviaturas convencionais e, tendo suas especificidades nas interações virtuais.

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão sobre a linguagem digital e as novas formas de interação linguística, como também, discussões sobre o internetês na sala de aula.

No âmbito dessas discussões e a influência que o internetês apresenta na escrita padrão da língua, este trabalho se faz importante, para que o conhecimento e a necessidade de uma visão geral dos gêneros digitais e a forma de escrita dos mesmos tomem uma importância maior e um olhar mais atencioso do professor de Língua Portuguesa, levando em consideração que os contextos digitais fazem parte do convívio do aluno e que devem fazer parte dos processos de aprendizagem dos mesmos e também servir como atualização da formação dos professores.

Para isso, foi usada como arcabouço teórico a obra bibliográfica, O Internetês na Escola de Fabiana Komesu e Luciani Tenani (2015) e como aparato complementar de pesquisa as obras, Da Fala Para Escrita: Atividades de retextualização de Luiz Antônio Marcuschi (2010); —Fala e Escrita de Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva

Dionísio (2007); e —Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios de Adail Sebastião Rodrigues—Junior (2009).

LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Ao longo do tempo, o estudo e o ensino da língua vêm sendo modificado radicalmente. O ensino que antes era baseado unicamente na gramática descontextualizada, hoje está fadado ao fracasso. Com isso, já não se planejam aulas no viés estruturalista, formas que contribuem para falta de interesse dos jovens pela escola, principalmente às aulas de língua materna. O surgimento das novas tecnologias traz as novas formas de comunicação e com ela novas linguagens são inseridas nesses meios comunicativos.

O ensino da língua não pode mais ser considerado como um produto homogêneo, ou seja, tratado de forma igual sem considerar que há transformações desse produto no decorrer do tempo, portanto, deve ser averiguada independentemente de sua condição de produção. Como diz Marcuschi:

[...] toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relações linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestações), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto das práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas [...] (MARCUSCHI, 2010, p.43).

Portanto, a língua como produto social está sempre em transformação e essa transformação é acentuada através dos meios digitais de comunicação, no qual a rapidez da informação e da conversação requer agilidade do usuário. Com isso, os novos gêneros digitais vêm modificando o manuseio do código escrito da língua.

LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Até os anos 80, a oralidade e a escrita eram vistas como oposição uma em relação à outra, predominando a noção de supremacia cognitiva da escrita, atribuindo-lhe valores no uso da língua, tratando suas relações de maneira estanques e dicotômicas, não as vendo como práticas sociais. Não podemos observar as semelhanças e diferenças entre fala e escrita sem considerar seus usos no dia a dia, hoje predomina a posição de oralidade e letramento como atividades interativas nos contextos das práticas sociais e culturais.

Para Marcuschi (2010), como são práticas de letramento e oralidade, considera que as línguas se fundam em usos, e não suas regras, pois são seus usos quem determinam a variação linguística. Letramento são práticas discursivas relacionadas ao uso da escrita, uma pessoa pode ser letrada sem ter ido à escola, pois ela tem um

letramento espontâneo.

Existem vários letramentos, que vão desde um domínio mínimo, básico da escrita até um domínio máximo, mais formal, como no caso de pessoas muito escolarizadas, nesse caso podemos distinguir: letramento e alfabetização, em que o primeiro, é o processo que designa as habilidades de ler e escrever diretamente envolvidas no uso da escrita. É a prática da escrita desde um mínimo a um máximo, e o segundo, é o processo de letramento em contextos formais de ensino, ou seja, por um processo de escolarização, organizado em série e sistematizado.

A escrita apresenta alguns elementos ausentes na fala, não podendo ser tida como uma mera representação da fala, a oralidade e escrita são práticas e usos da língua com propriedades distintas, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos totalmente dicotômicos, ambas permitem a coesão e coerência de textos, a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, suas limitações e alcances estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização.

As práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita ou falada) determinam o lugar, o papel, e o grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade, justificando a relação entre ambos de um contínuo sócio histórico. A escrita é uma manifestação formal do letramento, adquiridas em contextos formais, com caráter prestigioso, na escola, por outro lado, a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais, dialógicas. A oralidade surgiu bem antes da escrita, são usadas paralelamente em contextos sociais, com ênfases e objetivos variados, do dia a dia, seja no trabalho, escola, família, vida burocrática, atividade social. Em suma, fala e escrita, são atividades comunicativas e práticas sociais situadas em que todas fazem o uso real da língua.

Marcuschi (2010) distingue entre duas dimensões de relações de tratamento da língua falada e língua escrita: como práticas sociais, oralidade e letramento, e como modalidades de uso da língua, fala e escrita. A oralidade como prática social interativa para que haja comunicação, apresentados sobre várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora, realizada nos mais variados contextos de usos de informal a mais formal. O letramento envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade, pode ir desde uma apropriação mínima da escrita. Já a fala, uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral, é o uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, que envolve uma série de recursos expressivos como gestualidade, movimentos do corpo, mímica. A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais, constituída graficamente, manifestada por unidades alfabéticas, ideogramas ou unidades iconográficas, uma modalidade de uso da língua complementar a fala.

Os linguistas analisam as relações entre as duas modalidades dos usos da língua, e percebem as diferenças de maneira dicotômicas, uma análise voltada para

o código, dando origem ao prescritivismo, de uma única forma padrão denominada como norma culta, no qual conhecemos as dicotomias que dividem língua falada e a língua escrita.

Essa perspectiva dicotômica, estanques com separação entre forma e conteúdo, entre língua e uso como sistemas de regras, conduz o ensino de língua ao ensino de regras gramaticais presentes nos manuais escolares. É uma visão estritamente formal, insensível aos fenômenos discursivos e dialógicos, no entanto, a fala tem um grau menor de complexidade, como o lugar do erro e do caos gramatical, e a escrita um grau maior, e como o lugar da norma e bom uso da língua.

Ao considerarmos a importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações “letradas”, continuamos povos orais, a oralidade jamais desaparecerá, e será sempre o meio de expressão e de atividade comunicativa, ao lado da escrita. A oralidade é inerente a ser humano e não será substituída por outra tecnologia. A escrita por ser padronizada, não é estigmatizadora, na fala pode levar a estigmatização de um indivíduo, já na escrita isso acontece bem menos. A oralidade e escrita não são responsáveis pelo domínio estanques e dicotômicos no uso cotidiano da língua, há práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral, pois são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas.

Conclui-se na fala de Marcuschi & Paiva (2007, p. 31) que, a língua é muito mais um conjunto de práticas discursivas do que apenas uma série de regras, as noções de oralidade e letramento se dão na sociedade atual. Como prática social, a língua se manifesta e funciona em dois modos fundamentais, como atividade oral e como atividade escrita.

INTERNETÊS: O USO DE ABREVIATURAS CONVENCIONAIS E DIGITAIS

Nos dias atuais a internet não é apenas uma ferramenta de trabalho. Mais do que isso, é um valioso meio de comunicação pelo qual as pessoas de todo o mundo recebem e enviam e-mails, fazem compras e têm acesso aos mais variados tipos de assunto.

A velocidade de comunicação que a internet exige faz com que as pessoas de diversas culturas e falantes das mais variadas línguas desenvolvam códigos próprios para se comunicarem. Na necessidade de rapidez na comunicação digital surgiu o internetês, uma mistura de língua oral e língua escrita que torna a comunicação mais rápida.

Numa primeira aproximação ao tema, internetês pode se definido como forma grafolinguística que se difundiu em chats-papéis virtuais e comunicadores instantâneos, de forma geral; também em blogs, microblogs e demais redes sociais. (KOMESU, TENANI, 2015, p.15).

Esta nova forma de linguagem é baseada na simplificação informal da escrita, tornando mais ágil e rápida a comunicação. A simplificação da linguagem virtual

adquire cada vez mais adeptos, na maioria das vezes jovens, que usam o internetês para se comunicarem. O uso desses registros escritos diverge da norma culta da língua, motivo pelo qual os usuários do internetês recebem críticas dos puritanos da língua por não seguirem o modelo padrão de escrita.

Apesar da popularização dessa nova forma de linguagem, a mesma encontra muita resistência dos defensores da língua, esses acusam os usuários do internetês de destruir a língua portuguesa, algo que chega a ser exagero. Há muito tempo existe na língua as abreviaturas como Av.(avenida), n°(número), p/ (para), prof.(professor), entre outras e a língua continua a mesma. Para as autoras, —Abreviatura consiste no produto ou resultado do processo de abreviar, e, portanto, abreviação é o nome dado ao processo de abreviarll (DUBOIS apud KOMESU, TENANI, 2015, p.31).

Conforme komesu, Tenani (2015, p.32), “constata-se já num primeiro olhar, que abreviar faz parte de práticas letradas/escritas em que é possível se valer de recurso gráfico para reduzir o espaço ocupado pelas palavras”.

Nas gramáticas normativas do português, abreviação é definida como processo de formação de palavras que se diferencia da derivação regressiva (nessa, a derivação pode ser vista como processo em que uma palavra é formada pela supressão de um elemento, ao invés de por acréscimo ex: “correr” > “corre”). Porém, há divergências por parte dos pesquisadores, para alguns existe o processo de formação de palavras que abrange truncamento e siglagem. Para outros, seriam dois processos de formação de palavras distintos da abreviação, sendo assim, as abreviaturas seriam apenas um recurso da escrita não sendo considerada como processo de formação de palavras.

As abreviaturas digitais são, segundo Komesu (2015, p. 44, 52) quatro tipos. Tipo 1: “formada pela omissão de, ao menos, uma vogal que ocupa o núcleo da um das sílabas que compõem a palavra abreviada”. Por exemplo, *_kd vc'*, que são omitidos as vogais, porém, os interlocutores conseguem facilmente compreender seu significado por causa da sonoridade. Em outros casos, no entanto, há o acréscimo de letras na palavra para enfatizar a prevalência da oralidade como em *_naum'*, por exemplo. Percebemos, com isso, que cada variação linguística tem uma regra, enfatizando o que diz Marcuschi (2010, p.31) no trecho: “Todas as variedades linguísticas submetem-se a algum tipo de norma. Mas como nem todas as normas podem ser padrão, uma ou outra delas será tida com norma padrão”. Tipo 2: —abreviaturas formadas por meio de registros de parte da palavra, empréstimo linguístico, em particular do inglêsll. Como exemplo se tem “cam” palavra inglesa “camara” (em português “câmara”). O tipo 3, —abrange abreviaturas que correspondem a formas reduzidas ou troncadas que são predominantemente relacionadas a práticas orais e letradas mais informaisll podemos citar como exemplo as abreviações “mina” > “menina”, “to”> “estou”.

Observando esse tipo de abreviatura digital percebemos os casos de truncamento. Essa forma truncada segue as características prosódicas típicas do português, a maioria das palavras é paroxítona. O uso de uma forma ou outra mostra uma escolha, ao usar a forma truncada mina os sentidos estão relacionados a práticas

orais/escritas informais sendo características de uso dos adolescentes e jovens. As abreviaturas do tipo 4 —é formado por simplificações de grafia, mas frequentemente, de dígrafos, os quais podem ser substituídos por grafemas de valor sonoro idêntico ao do dígrafoll. Nesse caso, temos como exemplo, “bixo” > “bicho”, “ker” > “quer”, notamos que ouve a substituição dos dígrafos [ch] e [qu] respectivamente por [x] e [k] sem o som da palavra nem confusão de sentido.

Os tipos de abreviaturas digitais acima descritos têm como característica central, as formas reduzidas em relação às formas matrizes. Outra característica das abreviaturas digitais é o fato das palavras reduzidas não representarem, na maioria das vezes, uma palavra nova, como em “vc” > “você” é uma abreviatura em que se excluem as vogais, porém a palavra continua a mesma, ou seja, não houve formação de outra palavra.

Retomando a significação de abreviatura digital, as autoras dizem que:

A abreviação consiste em processos linguísticos de reduzir/encurtar palavras, e esse processo não é exclusivo da escrita no internetês, embora haja abreviaturas em ambiente digital. No entanto, na internet, abreviar pode ser visto como modo de enunciação escrito, marcado por propósito comunicativo, dividido, partilhado entre os escreventes, num suporte material que, muitas vezes, se dá em comunicação síncronica, isto é simultânea, ainda que os participantes se encontrem em diferentes lugares geográficos no mundo. (KOMESU, TENANI, 2015, p. 56).

De acordo com as autoras Komesu e Tenani (2015, p. 69), “o internetês é normalmente entendido como um tipo de escrita convencional cujo funcionamento estaria fundado na “transcrição” de certas características da fala da língua portuguesa, numa relação de interferência da fala na escrita”. Contudo, esse pensamento passa a ser equivocado se considerarmos as possibilidades de representação da língua e se levarmos em conta que o internetês não é uma simples “transição” ou meramente uma —interferência da fala na escrita. Como afirma Komesu e Tenani (2015, p. 22):

Não se trata, portanto, de -interferência- da fala na escrita, concepção que tem como base oposição entre uma modalidade e outra, mas de modo heterogêneo de constituição da escrita fundado nas possibilidades que a própria estrutura oferece aos usos que as pessoas fazem do sistema linguístico, no jogo da interlocução social.

Sendo assim, segundo as autoras Komesu e Tenani (2015), a distinção entre o que se fala e o que se escreve não é suficiente para pensar como funciona o “internetês”. Ainda segundo as autoras, parece ser mais produtivo para o professor-pesquisador considerar como a língua é usada em situações concretas de interação entre as pessoas, segundo os modos de enunciação.

Segundo Marcuschi (2010, p. 36), “a língua [...] na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a *organização da sociedade* (grifos do autor). Isso porque a própria língua mantém complexa relações com as representações e as formações sociais”. Neste momento surge a necessidade de intervenção do professor de língua portuguesa para levar o aluno a refletir e explorar em suas aulas essa nova modalidade da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nosso trabalho tivemos a oportunidade de conhecer e aprofundar nossos conhecimentos sobre o “internetês”, que se torna cada vez mais popular entre as pessoas, os jovens e adultos, que necessitam de uma comunicação informal rápida. A tecnologia permite a interação com pessoas de várias culturas, seja para conversar com alguém, deixar um recado, enviar arquivos pessoais ou profissionais, a realidade é que são poucos os que não utilizam a internet e as facilidades que a linguagem digital oferece.

Nessa nova realidade, não podemos ignorar a tecnologia na escola, o professor precisa pensar atividades, elaborando-as de forma que inclua o aluno nas práticas sociais em que está inserido, e rever algumas de suas práticas acerca da tecnologia para que desperte em seus alunos o gosto pela escrita e pela leitura.

Utilizar-se do “internetês” em sala de aula constitui uma nova prática, uma vez que se abre um novo campo a ser trabalhado. Faz parte de práticas sociais o uso das abreviaturas convencionais e digitais, é um recurso usado tanto na escrita formal, o caso das abreviaturas convencionais, como informal, nos bate-papos (abreviaturas digitais). Junta-se ao “internetês” a importância de se trabalhar com a língua falada e língua escrita, entretanto, o importante neste processo é a integração da tecnologia com o mundo real em que o professor e os alunos estão inseridos.

Trabalhar a escrita a partir da fala e do “internetês”, é utilizar-se de metodologias inovadoras inserindo o cotidiano dos alunos na sala de aula, com isso teremos melhores usuários no código escrito e adequação ao uso da língua em suas modalidades, propiciando uma melhor educação e mais oportunidades dos alunos saberem expressar-se, tanto na oralidade como na escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental.– Brasília : MEC/SEF, 1998.

KOMESU, Fabiana, TENANI, Luciani. **O Internetês na escola.** 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e Letramento. In: Da fala para escrita: Atividades de retextualização.** 10ª ed., São Paulo: Cortez, 2010, p.15 a 43.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, DIONISIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita.** 1ª ed., 1a reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RODRIGUES-JÚNIOR, Aldair Sebastião, et al. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios.** 2ª. ed., Rio de Janeiro: Singular, 2009.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

